

---

## Ideais simétricos e práticas desiguais: Conjugualidades em Lisboa e no Porto

*Anália Cardoso Torres e Ana Mocuixe Moura<sup>1</sup>*

A presente comunicação pretende dar conta de alguns resultados da pesquisa *Contextos Conjugais e Divisão do Trabalho entre Homens e Mulheres*<sup>2</sup>. Através desta investigação procura-se, no essencial, compreender e explicar algumas das contradições e paradoxos que outras investigações desenvolvidas a propósito de temáticas enquadradas nas áreas da sociologia da família, do casamento e do género já tinham revelado. Baseado numa análise preliminar de resultados parciais este texto aborda apenas uma das dimensões da pesquisa.

Resultados de investigações recentes realizadas em Portugal e na U.E. mostram claramente uma profunda assimetria na divisão do trabalho pago e não pago entre mulheres e homens (Perista, 1999; Torres, *et al.*, 2004). É sabido, por exemplo, que em Portugal as mulheres realizam a quase totalidade do trabalho não remunerado, mesmo trabalhando no exterior aproximadamente o mesmo número de horas do que os homens. Na verdade, se os homens com actividade profissional gastam mais 1 hora no trabalho por dia, as mulheres, na mesma situação, e em contrapartida, despendem mais 2,5/3 horas diárias em tempo de trabalho doméstico (Torres, 2004). Assim, são as mulheres que desenvolvem a maior parte das tarefas domésticas (limpeza, roupa, alimentação) e dos cuidados com as crianças, em simultâneo, com o desempenho das actividades profissionais. No caso dos homens é ainda muito reduzido o tempo que dedicam às tarefas domésticas e mais significativo aquele que despendem com actividades de índole profissional ou mesmo de lazer (INE, 2001; Perista, 1999). A prevalência destas profundas diferenças, explicáveis pelas assimetrias de género, é particularmente aguda no caso português exactamente porque as mulheres, e em particular as mães, são as que mais horas trabalham profissionalmente nos países da União Europeia (Torres, *et al.*, 2004). Estes dados, recolhidos em pesquisas ou informações de carácter extensivo mereciam, para a sua melhor compreensão, uma abordagem de nível qualitativo que permitisse analisar melhor os processos sociais e simbólicos que estariam na origem de assimetrias tão profundas.

Porque é que a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma maior participação masculina no trabalho não pago? Como explicar a sobrecarga de trabalho das mulheres quando predominam os discursos igualitários sobre a divisão do trabalho? Se a divisão do trabalho não pago é obviamente injusta, que factores explicam a sua manutenção mesmo quando é reconhecida como tal por ambos os sexos? Como se adaptam os casais, e em particular as mulheres, às situações de assimetria que experienciam nas suas relações de conjugualidade? Como avaliam a (in)justiça desta divisão tão assimétrica e potencialmente produtora de conflitos no casal? Será que na interacção conjugal, nas relações amorosas, nas relações com os filhos procuram ganhos ou compensações? Ou trata-se apenas da dominação masculina passiva ou conformisticamente aceite? Ou será ainda que as mulheres obtêm vantagens nesta divisão no plano identitário? Estas foram algumas das interrogações centrais da investigação de cujos resultados aqui, parcialmente, se dá conta.

A estratégia metodológica desenvolvida é essencialmente qualitativa, tendo sido utilizada de forma dominante a técnica da entrevista em profundidade<sup>3</sup>, aplicada a casais das duas zonas de maior concentração urbana do país, a grande Lisboa e o grande Porto. Procurou-se diversificar os contextos de recolha de informação e proceder a um exercício de comparação

---

<sup>1</sup> CIES/ISCTE

<sup>2</sup> Pesquisa financiada através de concurso público pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Programa Projectos de Investigação no Domínio das Relações Sociais de Género e das Políticas para a Igualdade entre Homens e Mulheres em Portugal.

<sup>3</sup> As entrevistas foram realizadas a homens e mulheres em simultâneo, mas de forma isolada por entrevistadores do mesmo sexo a fim de evitar efeitos de constrangimento, retracções ou ocultações provenientes das diferenças de sexo.

dos resultados, dado que estas duas zonas urbanas apresentam algumas diferenças no plano dos indicadores demográficos e de religiosidade. A unidade de análise é o indivíduo no contexto do casal, de forma a captar separadamente a perspectiva de homens e de mulheres face às várias dimensões e estratégias de adaptação (da) e (na) conjugalidade<sup>4</sup>.

Na presente comunicação desenvolve-se apenas uma das dimensões de análise desta pesquisa. Foca-se aqui a atenção nas práticas e nas representações sobre a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres em contexto conjugal, explorando a relação entre discursos (ideais) e práticas. Será que há relação entre as práticas e os discursos de homens e mulheres? Que modelos (assimetria/igualdade) são defendidos enquanto ideal? E quais os praticados? Será que existem diferenças entre os casais mais jovens e os mais velhos, os mais e os menos instruídos? E serão notórias diferenças significativas entre os casais residentes na grande Lisboa e no Grande Porto?

### **Igualitários, assimétricos atenuados e assimétricos tradicionais: Comparações entre Porto e Lisboa**

Através da análise comparativa entre os discursos dos casais do Porto e de Lisboa procurou-se chegar a uma tipologia onde se combinam as práticas e os discursos dominantes. Identificámos três tipos fundamentais: os igualitários, os assimétricos atenuados e os assimétricos tradicionais. Os resultados desta análise são aqui explicitados tendo em conta as diferentes durações do casamento (até 10 anos, de 11 a 20 e mais de 20 anos) considerando internamente a cada uma delas as diferenças de classe e de região.

### **Jovens: Mais simétricos em Lisboa do que no Porto**

No conjunto dos casais que vivem os primeiros dez anos de casamento observam-se diferenças significativas nas práticas e nos discursos, quer ao nível dos lugares de classe ocupados, quer quanto à residência em Lisboa ou no Porto. Aliás, no conjunto de todas as situações analisadas é entre os jovens das duas regiões que se fazem sentir distinções mais significativas. Tendencialmente os casais do Porto seguem um modelo assimétrico, bastante tradicional nos Operários e nos pertencentes à Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia e mais atenuado no grupo da Pequena Burguesia Intelectual e Científica, ao passo que os casais jovens de Lisboa assumem uma postura globalmente bastante mais igualitária, ainda que assimétrica atenuada no caso dos Operários. À primeira vista poderia ser de esperar que nestes casais mais jovens - nascidos nos anos 60 e 70 - houvesse já de forma mais generalizada uma maior adesão a valores mais modernos de igualdade e de partilha na divisão das tarefas domésticas.

Vejamos mais em pormenor. As práticas e os discursos dos casais Operários e da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia do Porto revelam a predominância de um modelo assimétrico tradicional de divisão do trabalho doméstico perfeitamente incorporado (quer por eles, quer por elas) que consiste na atribuição à mulher da execução e responsabilidade das tarefas (as refeições, limpezas, tratar da roupa, compras, cuidados com os filhos ainda pequenos) e que esta assume como obrigação sua.

---

<sup>4</sup>No total foram realizadas entrevistas a 63 casais, todos com filhos, num total de 126 indivíduos, 72 na Grande Lisboa e 54 no Grande Porto distribuídos pelas diferentes durações de casamento e pertenças sociais. Quanto às durações do casamento, dividiram-se os entrevistados em três grupos: até 10 anos de duração da relação, de 11 a 20 anos e mais de 20 anos. Quanto aos diferentes lugares de classe consideraram-se o grupo doméstico dos *Operários* (onde os dois membros do casal são operários, ou um deles do sector da pequena burguesia de execução mais desqualificada e desprovida de capital escolar - serventes de limpeza, empregadas domésticas, serviços pessoais com reduzida qualificação); o grupo dos *sectores intermédios* (os dois membros do casal ou um deles pertencente à pequena burguesia técnica e de enquadramento intermédia e/ou nos sectores da pequena burguesia de execução desempenhando profissões em sectores administrativos, possuidores de um maior capital escolar do que o grupo anterior) e o *grupo das profissões intelectuais e científicas*.

"[eu faço] a limpeza da casa, passar a ferro, fazer o comer, tudo o que uma mulher deve fazer" (Irene Domingues, 27 anos, 6º ano, florista, Porto).

"[ter a casa arranjada] dá gosto, cativa as pessoas e dá-nos valor" (Estela, 31 anos, 9º ano, Operária fabril desempregada, Porto).

"faço melhor e mais depressa. Não é uma obrigação, é uma coisa natural. Faço naturalmente e com gosto" (Helena Gomes, 29 ano, licenciada, socióloga desempregada, Porto).

Está presente uma identificação e uma valorização no desempenho das tarefas domésticas transversal a todos os lugares de classe, que funciona como uma âncora identitária. Elas desempenham o papel feminino esperado, acham que é da competência delas, querem agradar: "*acho que ele tem gosto em eu ser assim*" (Irene). Vemos deste modo como se entrelaçam a dimensão do desempenho do papel tradicional com a dimensão afectiva: o receio de não ser gostada ou amada alimenta a desigualdade, neste caso ainda mais evidente pelo facto de ambos os membros do casal trabalharem fora de casa. Esta modalidade assimétrica aparece reflectida também nos discursos masculinos: "*Não faço tarefas nenhuma, eu sujo, ela limpa*" (José Domingues, 23 anos, 7º ano, bobinador, Porto). As razões apresentadas pelos entrevistados para esta assimetria relacionam-se com a educação (papéis sociais incorporados) e o hábito: "*fui habituado, foi ela que me habituou mal.*" (José Domingues); "*A cozinha é mais da mulher. As mulheres estão mais indicadas para isso, talvez da maneira como são ensinadas. Não é querer ser machista, mas acredito que é assim*" (Alexandre Gomes, 33 anos, bacharel, técnico empresarial, Porto). Fica clara, ainda, a forte resistência masculina ao envolvimento no "mundo da casa". Nesta visão tradicionalista, e dadas as assimetrias de género, o espaço doméstico chega mesmo a ser vivido pelos homens como um lugar de "desvirilização".

Já no que diz respeito aos casais da Pequena Burguesia Intelectual e Científica a posição assimétrica é bastante mais atenuada, entrando aqui em cena, no entanto, um novo elemento fundamental: a empregada doméstica. Com maiores possibilidades económicas estes casais contam com a ajuda paga, que vem facilitar substancialmente a vida do casal e da mulher em especial, sobretudo no que diz respeito às tarefas mais pesadas (limpeza da casa, passar a ferro) "*Durante a semana tenho o apoio da empregada. Melhorei bastante a minha qualidade de vida*" (Edite Lourenço, 32 anos, licenciada, professora do 2º ciclo, Porto). Os homens, pelo seu lado, não só não participam na maioria das tarefas domésticas, "*Eu não faço quase nada*" (Martim Couto, 35 anos, licenciado, sócio gerente de empresa, Porto) como procuram mesmo evitá-las: "*o mínimo que eu possa... ou melhor, o máximo que eu consiga escapar. Sei fazer de tudo, agora procuro evitar!*" (Alberto Correia, 41 anos, licenciado, empresário, Porto).

No entanto, ao contrário do observado nos grupos anteriores, os homens da Pequena Burguesia Intelectual e Científica colaboram em tarefas muito específicas, como as relacionadas com os filhos, ainda pequenos (levar e buscar à escola, dar o banho, deitá-las na cama e contar a história da noite) ou com os carros e o jardim. Esporadicamente, cozinham para os amigos ao fim de semana.

A maioria refere que o nascimento dos filhos foi determinante para que passasse a haver maior partilha das tarefas domésticas entre o casal. Reconhecem que fazem menos do que elas e atribuem este facto a "*desvios de educação*", à falta de conhecimentos nesta matéria e à pouca disponibilidade que o trabalho profissional lhes deixa. "*Tenho dois trabalhos, contribuo mais para o orçamento da casa, mas estou mais limitado às tarefas domésticas*" (Martim Couto, 35 anos, licenciado, sócio gerente de empresa, Porto). O facto de eles estarem no início da carreira profissional surge enquanto factor atenuador desta assimetria e está presente tanto nos discursos deles como no delas. "*neste momento sobrecarrego-me mais porque sei que ele está cansado... tento minimizar o trabalho cá em casa disponibilizando-o mais para o trabalho (...) ele tenta construir uma coisa mais sólida para criar boas condições para a família*" (Daniela Correia, 38 anos, bacharel, supervisora de vendas, desempregada, Porto).

Quanto ao sentimento de justiça na divisão das tarefas domésticas surge uma auto responsabilização feminina pela assimetria dessa divisão mas percebendo-a como injusta, o que não acontecia nos casos anteriores "[faço mais] *por culpa minha, eu podia fazer menos (...)* acabo por tomar a iniciativa. *As mulheres fazem sempre mais*" (Edite Lourenço, 32 anos,

licenciada, professora 2º ciclo, Porto) *"Eu sendo mulher preocupo-me mais com a manutenção da casa do que ele, pela forma como fomos educados"* (Constança Couto, 33 anos, licenciada, bancária, Porto). Estamos perante a incorporação do papel social feminino esperado, que se assume "natural e impulsivamente", não se sentindo, no entanto, a mesma valorização identitária que se verificava nos casos anteriores. O desempenho das tarefas domésticas, para este subconjunto de mulheres, não se traduz em qualquer ganho identitário. Trata-se de uma necessidade, assumida de forma instrumental. Quanto a eles, consideram a situação mais justa do que injusta, uma vez que apesar de reconhecerem que fazem menos do que elas acham que colaboram e há a empregada doméstica que se encarrega da grande maioria das tarefas.

No caso dos jovens de Lisboa, a tónica parece ser outra. Em todas as classes tanto eles como elas defendem e praticam uma modalidade mais partilhada e igualitária da divisão das tarefas domésticas

*"Fazemos tudo de modo a não sobrecarregar o outro"* (Madalena, 27 anos, 12º ano, toma conta de crianças, desempregada, Lisboa)

[as tarefas domésticas] *"estão bem divididas, chegámos a um consenso"* (Marta, 32 anos, licenciada, assistente de marketing, Lisboa),

*"dividimo-nos lindamente"* (Paula Antunes, 29 anos, pós graduada, web-designer, Lisboa),

*"Chegámos facilmente a uma divisão natural de tarefas"* (Vicente Farinha, 32 anos, licenciado, jornalista, Lisboa).

Eles referem que o nascimento dos filhos conduziu a uma reorganização das práticas e responsabilidades no quotidiano conjugal, que se tornou mais partilhado. Assim, eles participam bastante nos cuidados com as crianças, na cozinha, nas compras, nas limpezas e arrumações. É domínio exclusivo delas os cuidados com a roupa. No caso dos jovens Operários, apesar de serem apologistas de uma divisão igualitária das tarefas entre os dois (comida, compras, limpezas, arrumações, cuidados com os filhos, tudo deve ser feito a dois) ela acaba por fazer mais do que ele em casa. É o modelo assimétrico atenuado a tender para o igualitário.

Nos casais da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia, o discurso igualitário é fundamentado com base no facto de ambos terem um trabalho profissional no exterior, decorrendo daqui que ambos têm que contribuir para a manutenção da casa. Sentem-se satisfeitos, e consideram que praticam uma modalidade justa na divisão destas tarefas.

Os casais da Pequena Burguesia Intelectual e Científica tendem também a defender um modelo igualitário:

*"há uma regra que é importante que é não estar sentado no sofá enquanto ela está a fazer outras coisas"* (Diogo, 28 anos, licenciado, professor universitário, Lisboa).

Na prática, no entanto, elas acabam por assumir mais a responsabilidade da organização da casa. A empregada doméstica, à semelhança dos casais da Pequena Burguesia Intelectual e Científica do Porto, vem facilitar bastante a vida do casal e em especial da mulher. Apesar de ambos reconhecerem que a divisão é injusta e mais pesada no feminino, relativizam e desvalorizam este facto. Com a empregada acabam por fazer pouco, elas não se sentem sobrecarregadas nem injustiçadas, acabam por fazer unicamente o que lhes dá prazer. *"Nunca me senti sobrecarregada, sempre tive muita ajuda do exterior"* (Daniela Abrantes, 31 anos, licenciada, jurista, Lisboa).

### **Dos 11 aos 20 anos de casamento: Assimétricos, entre o tradicional e o atenuado**

Comparando os casais do Porto e de Lisboa que já estão casados entre os 11 e os 20 anos, apesar de ser praticado o modelo da assimetria, o discurso dos Lisboetas tende, de um modo geral, a aproximar-se de valores modernos e mais igualitários do que o dos casais do Porto (pelo menos enquanto ideal). Esta situação verifica-se sobretudo na Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia e na Pequena Burguesia Intelectual e Científica.

No caso dos casais Operários o modelo mais frequente na divisão das tarefas domésticas é o assimétrico tradicional, que nos casais de Lisboa surge um pouco mais atenuado. Ao nível dos discursos dos casais do Porto, são as mulheres que executam a totalidade das tarefas em casa: *"Tudo, desde fazer as camas, lavar a loiça, por as roupa a secar, passar a ferro, as limpezas. Eu é que faço tudo, mais ninguém faz nada"* (Andreia Gouveia, 43 anos, 4ª classe, cabeleireira, Porto). *"Só há divisão entre mim e a minha filha, entre casal não. Eu faço tudo e ele nada"* (Susana Alves, 38 anos, 2ª classe, empregada doméstica, Porto). Esta sobrecarga está também presente nos discursos masculinos *"Eu dentro de casa faço pouco, por norma as tarefas domésticas são mais com ela"* (Jorge Alves, 43 anos, 6º ano, corticeiro, Porto). O critério trabalho profissional das mulheres surge como fundamento para ele dar uma "ajudinha" *"depois de um dia de trabalho meu e da esposa, é lógico que as tarefas têm que ser divididas"* (Diniz Gouveia, 42 anos, 4ª classe, corticeiro, Porto) *"Eu ajudo-a nalguma coisa que ela me pede, vou adiantando a comida, se ela tem que trabalhar até mais tarde"* (Jorge Alves, 43 anos, 6º ano, corticeiro, Porto).

Os casais Operários de Lisboa diferem ligeiramente, já que as mulheres apesar de geralmente executarem a maioria das tarefas em casa parecem poder contar com uma ajuda mais efectiva por parte deles. Esta ajuda está presente no discurso de ambos e é sobretudo nos cuidados com as crianças, nas limpezas e na cozinha. *"O meu marido faz muitas vezes a comida. Se tiver que lavar a loiça, lava. Toma conta das miúdas. A roupa, limpezas e arrumações é comigo"* (Sandra Portadas, 38 anos, 9º ano, porteira, Lisboa). É um modelo tendencialmente assimétrico tradicional, porém ligeiramente atenuado. Tanto os do Porto como os de Lisboa reconhecem que a situação é injusta e mais sobrecarregada para elas. Ambos parecem aceitar o desempenho dos papéis sociais masculino e feminino esperados (fortemente incorporados) de forma natural e conformada. Elas afirmam que já estão habituadas, já sabem que as mulheres fazem sempre mais; Eles atribuem exclusivamente às mulheres o jeito, a sensibilidade e os conhecimentos para o desempenho das tarefas domésticas. Ambos estão satisfeitos.

Nos casais da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia, quer no Porto quer em Lisboa impera, de um modo geral, o modelo assimétrico atenuado, sendo que em Lisboa tende a ser mais equilibrado. No essencial elas assumem a responsabilidade da maior parte das tarefas domésticas. Algumas têm a possibilidade de delegar as mais penosas para a empregada, o que facilita bastante a vida da mulher no contexto conjugal. Eles colaboram nalgumas tarefas (essencialmente o pôr e tirar a mesa, as compras, fazer a cama). Os casais de Lisboa referem mais os cuidados com as crianças mas no global afirmam que elas fazem mais. *"ao fim do dia dividimos as tarefas. Eu faço o jantar, ponho a mesa, lavo a loiça. Ele trata dos miúdos"* (Alexandra Nogueira, 37 anos, licenciada, arquitecta paisagística, Lisboa). Como é habitual, as limpezas estão conferidas ao mundo feminino, se não são desempenhadas pela mulher, é a empregada que se encarrega dessa tarefa e nunca o homem. As mulheres (especialmente as do Porto) consideram esta divisão injusta, mas preferem fazer elas e sentem-se conformadas, já sabiam à partida que eles pouco ou nada iriam fazer em casa *"Eu aceitei isso desde o início, sabia que ele não iria fazer muitas coisas... ele nunca fez"* (Susana Teixeira, 41 anos, 12º ano, técnica administrativa, Porto). É a queixa desmaiada<sup>5</sup>, elas fazem tudo em casa, eles apenas dão uma "ajudinha" quando "empurrados". Elas queixam-se, não acham justo, afinal ambos têm um trabalho profissional. No entanto os hábitos adquiridos na educação falam mais alto e limitam qualquer esperança feminina na mudança.

*"tenho que fazer tudo sozinha e não tenho colaboração, não estou satisfeita, mas também não vejo jeitos de mudar, por isso vou-me conformando (...) não foi hábito que criámos logo que casámos, eu acho que essas coisas se não se fazem logo no início... depois com os anos é complicado mudar"* (Elisa Almeida, 38 anos, 11º ano, empregada de escritório, Porto, casada há 18 anos).

Ao nível dos discursos masculinos é reconhecida a injustiça desta assimetria, vivida no caso dos do Porto com um sentimento de culpa *"Até penso é que estou completamente errado e*

---

<sup>5</sup> Torres, 1996

*deveria ajudar cada vez mais... sinto-me às vezes um bocado culpado, sei que não está correcto, mas enfim...*" (Ricardo Almeida, 43 anos 12º ano, patrão pequena empresa de calçado, Porto, casado há 18 anos). Eles sentem-se culpados porque a partilha das tarefas domésticas não corresponde à norma (ideal) igualitária mais ou menos interiorizada.<sup>6</sup> No entanto mais uma vez a educação e os hábitos adquiridos inibem a mudança "*...sempre foi assim, a vida foi rolando, foi passando e adaptamo-nos assim*" (Idem).

Nos casais de Lisboa esta assimetria atenuada parece tender para um modelo mais igualitário, já que eles participam mais do que os do Porto e defendem convictamente uma divisão mais justa e equilibrada. "*a balança pesa mais para o meu lado, mas ele trabalha muito em casa também. Trabalhamos muito os dois*" (Rosa Pereira, 35 anos, licenciada, relações internacionais, Lisboa) "*Não fico parado enquanto ela trabalha, mas ela faz mais*" (Guilherme Nogueira, 39 anos, 11º anos, empresário). Apesar de reconhecerem que elas fazem mais, não carregam o sentimento de culpa atrás verificado. Tanto elas como eles estão, de um modo geral, satisfeitos.

Quanto aos da Pequena Burguesia Intelectual e Científica, quer os do Porto quer os de Lisboa seguem o modelo assimétrico na divisão das tarefas da casa, mas é bastante atenuado pela presença constante da empregada doméstica que se ocupa da quase totalidade das mesmas. As mulheres apenas delegam, controlam e fazem a manutenção das coisas em casa. Eventualmente tratam do jantar e de alguma roupa. Este facto está presente quer nos discursos femininos, quer nos masculinos "*tenho a sorte de ter empregada doméstica, portanto o que é que eu faço... procuro manter as coisas*" (Matilde Santos, 46 anos, licenciada, chefe de departamento de um museu, Porto) "*Fazemos pouco. Temos a empregada*" (Manuela Madeira, 37 anos, licenciada, relações públicas, Lisboa). Eles ajudam com os filhos, as compras e eventualmente cozinham ao fim de semana.

É notória uma diferença entre os casais do Porto e os de Lisboa, quer ao nível das práticas (e percepção da justiça) quer dos ideais defendidos. Os do Porto acabam por participar menos e delegar mais para a empregada. É reconhecida a injustiça da divisão assimétrica "*a repartição das tarefas não é fifty fifty. Ela faz mais*" (David Santos, 49 anos, licenciado, director de uma empresa, Porto) e é defendido o modelo igualitário, enquanto mais correcto a seguir "*eu acho que é complicado para duas pessoas que trabalham, chegar uma a casa e estar parada e a outra estar sobrecarga.*" (Filipe Melo, 41 anos, licenciado, sócio gerente de empresa, Porto). No entanto na prática, continua a ser a mulher a fazer mais. Os fundamentos que eles invocam para a menor colaboração masculina prendem-se com a existência da empregada, a pouca disponibilidade já que trabalham muitas horas fora de casa e os efeitos da educação e do hábito.

Trata-se no entanto de uma injustiça relativa "*Não acho justo. Não quer dizer que eu tenha uma sobrecarga [tenho a empregada], acho que há esforço de ambas as partes, mas eu faço mais*" (Matilde Santos, 46 anos, licenciada, chefe de departamento de um museu, Porto). Já nos casais de Lisboa, verifica-se um discurso mais igualitário, em que ambos consideram que praticam uma divisão mais ou menos justa das tarefas (sempre reconhecida a ligeira sobrecarga para o lado delas) Ambos estão satisfeitos com a situação. "*Acho justa. Cada um tem as suas tarefas*" (Luísa, 38 anos, licenciada, professora do ensino especial, Lisboa); "*Acho que fazemos mais ou menos igual. Estou satisfeita*" (Eva, 31 anos, licenciada, psicóloga, Lisboa)

### **Mais de 20 anos de casamento: Os mais assimétricos tradicionais**

Os casais com mais de 20 anos de relação quer em Lisboa quer no Porto praticam uma assimetria tendencialmente tradicional na divisão das tarefas domésticas. Ao contrário dos mais jovens, nesta faixa etária não surpreende que ainda estejam bem presentes os estereótipos e as lógicas anteriores, já que homens e mulheres desta geração (nascidos nos anos 40 e 50) foram socializados pelos seus pais para a vivência na conjugalidade de papéis completamente assimétricos. São os mais tradicionais de todos. E aqui as diferenças decorrentes da geografia parecem esbater-se.

---

<sup>6</sup> Kaufmann, 2002

No caso dos Operários está bem presente a incorporação dos papéis sociais esperados mais tradicionais. A responsabilidade das tarefas da casa pertence à mulher. Tanto no Porto como em Lisboa elas fazem a sua totalidade e contam sobretudo com a ajuda das filhas mulheres. *"Eu tenho que fazer tudo em casa. Tenho a minha filha que me ajuda. Ele não faz nada, não ajuda nada"* (Filomena Fontes, 47 anos, 4ª classe, empregada doméstica, Porto). *"Ela costuma fazer todas as tarefas domésticas. Ela é que sabe"* (Afonso Pontes, 56 anos, 3º ano industrial serralheiro mecânico, Lisboa). Eles, quando ajudam, é sempre na área das bricolagens, do arranjo das máquinas, domínio predominantemente masculino. *"Em termos domésticos é quase zero. (...) a minha esposa e a minha filha é que tratam dessas tarefas. Agora uns arranjositos, eu sabendo, faço"* (Rogério Fontes, 54 anos, 6º ano, empregado de escritório, Porto). Atribuem claramente o desempenho das tarefas domésticas à mulher, mesmo quando ela também trabalha no exterior. É o papel feminino esperado a desempenhar:

*"A minha mulher faz mais coisas, claro. É mais ou menos a tarefa dela: cuidar dos filhos, cuidar da casa"* (Pascoal Ramos, 39 anos, 6º ano, motorista, Porto).

*"As mulheres em geral tratam mais da casa não é? Nós temos outras preocupações"* (Rogério Fontes, 54 anos, 6º ano, empregado de escritório, Porto)

A reprodução destes valores tradicionais para os filhos está presente no discurso do casal Fontes *"eu quero pôr o meu filho a fazer coisas e ele diz que aquilo é de mulheres não é de homens, que não têm nada que fazer essas coisas, que há aqui duas mulheres [esposa e filha] para trabalhar"* (Filomena Fontes, 47 anos, 4ª classe, empregada doméstica, Porto). Apesar destas mulheres reconhecerem que as tarefas estão injustamente distribuídas sente-se de um modo geral satisfeitas. Naturalizam esta divisão injusta, indicador da incorporação dos papéis mais tradicionais a desempenhar por cada um no palco conjugal. *"faço mais do que ele, mas não me sinto mal com isso. É porque gosto, prefiro ter as coisas à minha maneira"* (Elsa Oliveira, 60 anos, 2ª classe, empregada doméstica, Lisboa)

Quanto aos casais da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia e da Pequena Burguesia Intelectual e Científica mantém-se tendencialmente a assimetria entre os membros do casal. Não se verificam diferenças significativas entre regiões. A presença da empregada doméstica que assegura uma grande parte das tarefas (quase a totalidade nos últimos) *"tenho empregada interna. Esse problema dos trabalhos domésticos está relativamente resolvido"* (Sara Marques, 45 anos, bacharel, professora, Porto) vem atenuar a desigual divisão mais sobrecarregada para as mulheres. A responsabilidade de organizar o trabalho da casa é delas. A bricolage e os pequenos concertos, o pôr e tirar a mesa, acompanhá-las nas compras, fazer a cama e o café está presente nos discursos e é prática deles. Esporadicamente cozinham, fazem uns grelhados. A desigual divisão das tarefas é reconhecida tanto por eles como por elas.

As mulheres da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia assumem a responsabilidade e a culpa desta assimetria, já anteriormente verificada nas mais novas do mesmo lugar de classe. Apesar de expressarem a vontade de contar com uma maior participação masculina *"eu queria que ele me ajudasse mais a fazer as tarefas domésticas de casa. Ele só dá uma mãozinha. Não é justo"* (Beatriz Machado, 43 anos, 12º ano, empregada de balcão, Porto), constatam que agora, já nada vai mudar. Estamos novamente perante a queixa desmaiada.

*"fui a culpada, não o habituei e agora..."* (Angelina, 59 anos, 7º ano, administrativa, Porto)

*"Sempre assumi essas tarefas como minhas. A culpa é minha por não ter imposto outro tipo de regras. Ao fim de vinte e tal anos não vou mudar nada"* (Bárbara nascimento, 49 anos, bacharel, gestora de contas, Lisboa)

*"Acabamos por automaticamente ser até nós as culpadas, porque como não nos queremos chatear acabamos por fazer as coisas e pronto"* (Teresa Caixinha, 48 anos, 12º anos, contabilista, Lisboa)

As mulheres da Pequena Burguesia Intelectual e Científica não percebem a situação do mesmo modo, não carregam a mesma culpa apesar de reconhecerem responsabilidades na



divisão injusta. Preferem fazer elas, eles não sabem. Tomam a iniciativa, não dão "*oportunidade aos outros de as fazer*" (Celeste Franquinho, 57 anos, licenciada, professora, Porto). "*é ela que faz porque gosta de fazer à maneira dela*" (Duarte Ventura, 62 anos, licenciado, engenheiro civil, Lisboa). Estão presentes os valores incorporados pela educação e socialização da época

*"o meu marido mudar uma fralda? Nem pensar!"* (Elisabete Vieira, 59 anos, 12º anos, secretária, Porto)

*"É a mentalidade de há 30 anos"* (Arménio Franquinho, 59 anos, licenciado, assessor Direcção Regional de Educação do Norte, Porto)

Como já vem sendo característico nesta classe com um maior nível de instrução, é defendido - sobretudo enquanto ideal - um modelo mais igualitário "*se nós trabalhamos os dois e os dois contribuem para o orçamento da casa, porque é que isto não pode ser repartido, porque é que as mulheres é que têm que aspirar, lavar a roupa, passar a ferro, cozinhar, arrumar a cozinha, dar banho aos filhos...?"* (Lurdes Abreu, 52 anos, licenciada, educadora de infância, Porto).

### Notas conclusivas

Em casa, elas fazem sempre mais do que eles. Esta é uma das conclusões mais evidentes da análise realizada. Seja em que classe, seja com que idade. Mas esta tendência geral é matizada por outras e necessárias caracterizações. Por um lado, nota-se uma clara diferença intergeracional, tendendo os mais novos a defender e a praticar modalidades menos assimétricas de divisão do trabalho. Por outro, verifica-se que ao nível regional também se desenham algumas distinções. Os jovens de Lisboa, por exemplo, parecem mais igualitários na prática do que os do Porto e são-no, de certo, ao nível do discurso. A pertença social também introduz variantes.

Foi possível, assim, construir uma tipologia a partir da qual se identificaram três posições distintas: assimétricos tradicionais, assimétricos atenuados e igualitários. O modelo assimétrico tradicional é mais frequente nos Operários de todas as gerações. É praticada a assimetria, elas identificam-se e sentem-se valorizadas com o desempenho das tarefas domésticas e eles consideram esta assimetria natural. (A casa é da mulher!) A excepção a esta regra é visível nos Operários mais novos de Lisboa, que defendem e praticam um modelo mais igualitário na divisão das tarefas domésticas.

À medida que se avança para classes sociais com maiores rendimentos, qualificações escolares e profissionais, entra em cena a empregada doméstica, que alivia o trabalho de casa e atenua o sentimento de injustiça das mulheres, e por outro lado, os homens são mais defensores de um modelo igualitário, ainda que mais em teoria do que na prática. São os assimétricos atenuados. O tipo Igualitário, só foi mais visível nos casais de Lisboa da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédia, casados há menos de 10 anos e nos da Pequena Burguesia Intelectual e Científica com menos de 10 anos e entre 11 e 20 anos de casamento. Nestes casos defende-se e pratica-se uma divisão equilibrada e igualitária das tarefas. Mas trata-se de um grupo, como se sabe, minoritário embora a sua influência no plano simbólico, possa exceder um pouco mais o seu peso percentual (Torres, 1996).

Globalmente está-se assim perante uma situação, quanto à divisão entre trabalho pago e não pago entre homens e mulheres, fortemente assimétrica. Compreender e explicar assimetrias tão profundas implica a convocação de vários factores.

Por um lado, temos as mudanças de valores que se operaram no espaço de uma geração. Regras que hoje são vistas como obsoletas, pareciam sagradas no início da vida conjugal de alguns dos casais entrevistados (Torres, 2002). Estas transformações como vimos, no entanto, sentem-se de forma diferenciada nas duas regiões analisadas, o que mostra a necessidade de especificações sempre que se procuram captar tendências centrais.

Por outro lado, o desempenho das tarefas domésticas desenrola-se num quadro muito particular. O lugar do íntimo, da partilha dos afectos e do amor, o quadro que hoje definimos como o adequado ao contexto da vida conjugal. É nesta encruzilhada específica, em que se



cruza o laço amoroso com as identidades, o critério do justo com as emoções, que se pode compreender o que ocorre no contexto da divisão do trabalho. Nestes terrenos joga-se muito mais do que o simples deve e haver de um conjunto de tarefas a desempenhar.

Quando, embora assimétricas, estas divisões se parecem traduzir em ganhos identitários e afectivos, como acontece com algumas entrevistadas, é compreensível que as assimetrias não sejam percebidas como injustas ou produtoras de conflito. No entanto, para um número expressivo de mulheres, estas situações podem ser percebidas como encruzilhadas, difíceis de discernir e ultrapassar. De um lado está o que é justo, bem como a percepção clara do que resulta de uma imposição ideológica e simbólica – a dominação masculina - que “poupa” os homens do desempenho de tarefas rotineiras e incontornáveis. Do outro, estão os afectos, o desejo de ser amada/o, a necessidade de entendimento e de agradar ao outro, o medo do conflito, tão característicos das socializações feitas no feminina

## Bibliografia

- GOODY, Jack (1995) *Família e Casamento na Europa*; Celta Editora; Oeiras
- INE, Instituto Nacional de Estatística (2001) *Inquérito à Ocupação do Tempo: Principais Resultados – 1999*; INE; Lisboa
- KAUFMANN, Jean Claude (1992) *La Trame Conjugale: analyse du couple par son langage*; Collections Essais et Recherches; Séries “Sciences sociales”; Nathan; Paris
- KAUFMANN, Jean Claude (1993) *Sociologie du Couple; Que je sais?* Collections ; Presses Universitaires de France; Paris
- KELLERHALS, J., P.-Y. Troutot e E. Lazega (1984) *Microsociologie de la Famille*; Paris, PUF
- PERISTA, Heloísa (1999) *Os usos do Tempo e o Valor do Trabalho. Uma Questão de Género*; Lisboa; CESIS
- TORRES, Anália Cardoso (2002) “Porque não se revoltam as mulheres? Resultados de uma pesquisa nacional sobre a divisão do trabalho entre os sexos”; *IV Actas do Congresso Português de Sociologia* (2000); Edição CD-Rom; Associação Portuguesa de Sociologia; 2002
- TORRES, Anália Cardoso (2001) *Sociologia do Casamento – A Família e a Questão Feminina*; Celta Editora; Oeiras
- TORRES, Anália Cardoso (2002) *Casamento em Portugal: uma análise sociológica*; Celta Editora; Oeiras
- TORRES, Anália Cardoso, F. V. da Silva, T. Líbano Monteiro, M. Cabrita (2004) *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*, Lisboa, CITE, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Ministério do Trabalho e da Segurança Social